



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
ESPECIALIZAÇÃO EM FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO  
BÁSICA**

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

**ELZA FERNANDES DA SILVA**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2012**

**ELZA FERNANDES DA SILVA**

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado como requisito parcial para a  
obtenção do título de especialista em  
Formação de Professores da Educação  
Básica.

Orientadora: **Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Valdecy Margarida da Silva**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2012**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na sua forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

S586i Silva, Elza Fernandes da.  
A importância da prática da leitura para a formação de leitores nas séries iniciais do ensino fundamental [manuscrito]: / Elza Fernandes da Silva. – 2012.  
39 f.  
  
Digitado.  
Monografia (Especialização na Formação de Professores da Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.  
“Orientação: Profa. Dra. Valdecy Margarida da Silva, Departamento de Pedagogia”.

1. Leitura. 2. Formação de Leitores. 3. Ensino Fundamental I. Título.

21. ed. CDD 372.4

**A IMPORTÂNCIA DA PRÁTICA DA LEITURA PARA A FORMAÇÃO DE  
LEITORES NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

avada em 06 de Dezembro de 2012.

**BANCA EXAMINADORA**



---

**Profª Drª Valdecy Margarida da Silva – UEPB**  
Orientadora



---

**Profª Drª Paula Almeida de Castro – UEPB**  
Examinadora



---

**Profª Drª Roziane Marinho Ribeiro – UFCG**  
Examinadora

Dedico este trabalho com muito carinho à minha família, pelo incentivo e pela força que sempre me passaram para que eu conseguisse chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

“A alegria não chega apenas no encontro do achado, mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” Paulo Freire (1983).

Agradeço ao Senhor Jesus, que é o maior responsável pela realização deste trabalho, que me proporcionou a concretização de mais um sonho, por toda a capacidade que me deu durante esta caminhada.

À orientadora, a Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Valdecy Margarida da Silva, pela disponibilidade e competência.

A toda a minha família, pelo apoio e por me encorajar na realização deste Curso.

Às minhas amigas do Curso de Especialização, Janeide, Maricelda, Luciana, Adriana, Marinalva, Jailma, Mônica e Francisca. Obrigada pelos momentos felizes e divertidos que passamos juntas e pela nossa amizade.

A Napoleão Maracajá, presidente do SINTAB, pela dedicação e carinho com que ele nos tratou e nos conduziu na realização deste Curso.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para que este sonho se realizasse.

Muito obrigada!

“Ninguém é tão grande que não possa aprender,  
nem tão pequeno que não possa ensinar.”

*Píndaro, poeta romano.*

SILVA, Elza Fernandes. *A importância da prática da leitura para a formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental*. 2012. 41f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização Formação de Professores da Educação Básica) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

## RESUMO

A prática da leitura se faz presente em nossa vida desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a qual vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos de certa forma, lendo embora, muitas vezes, não nos damos conta. O desenvolvimento da leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. A leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos. A presente pesquisa bibliográfica objetiva discutir a importância da prática de leitura para a formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesta discussão, enfocamos a importância do ato de ler, as estratégias de leitura e o papel da escola na formação de leitores. Esperamos, ainda, com esta discussão teórica, contribuir para ampliar a reflexão sobre a relevância das práticas pedagógicas que visam a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura na escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Práticas de leitura. Formação de Leitores. Escola.



SILVA, Elza Fernandes. *The importance of reading practice for educating readers in the early grades of elementary school*. 2012. 41f. Completion of course work (Specialization Teacher Training Basic Education) – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2012.

### **ABSTRACT**

The practice of reading is present in our lives since we started to "understand" the world around us. In the constant desire to decipher and interpret the meaning of things that surround us, to observe the world from different perspectives, to relate the fictional reality with which we live, in contact with a book, finally, in all these cases we are, in a way, reading - although many times, we are not aware. The development of reading is not a simple decoding of symbols, but, in fact, means to interpret and understand what they read. The reading must allow the reader to convey the meaning of the text, and may not become mere deciphering of linguistic signs without understanding the semantics of the same. This bibliographic research aims to discuss the importance of the practice of reading for the training of readers in the early grades of primary education. In this discussion, we focus on the importance of the act of reading, the strategies of reading and the role of the school in the training of readers. We hope, also, with this theoretical discussion, contributing to extend the reflection on the relevance of pedagogical practices that aim to improve the quality of teaching and learning process of reading in school.

**KEYWORDS:** Reading practices. Training of readers. School.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2. A IMPORTÂNCIA DO ATO DE LER</b> .....	12
2.1. A leitura como prática social.....	17
<b>3. AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL</b> .....	23
<b>4. O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES</b> .....	26
<b>5. CONCLUSÕES</b> .....	37
<b>6. REFERÊNCIAS</b> .....	40

## 1. INTRODUÇÃO

Sabemos que um dos grandes desafios da educação atualmente é favorecer o mais cedo possível o acesso à leitura e à escrita, pois é imprescindível que as pessoas leiam para que possam atuar de forma consciente e crítica em nossa sociedade.

O ato de ler é algo que se adquire no decorrer dos anos, pois a leitura vem aos poucos contribuir para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade de cada texto lido, pois a leitura é muito mais do que um processo de decodificação ou decifração de sinais e símbolos.

O que observamos nas escolas públicas é que poucas crianças tem o hábito da leitura em nosso país, especialmente as crianças das classes populares. A maioria delas tem sido incentivada e tem o primeiro contato com os livros apenas quando chega à escola. E se a criança não conduz bem esse processo, vira obrigação, uma vez que muitos professores se limitam, especificamente, ao trabalho com o livro didático.

Diante desta realidade desafiadora, surgiu a necessidade, como professora das séries iniciais do Ensino Fundamental da rede municipal de ensino de Campina Grande/PB, pesquisar a importância das práticas de leitura para a formação de leitores.

Desta forma, a presente pesquisa bibliográfica objetiva discutir a importância da prática de leitura para a formação de leitores nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Nesta discussão, enfocamos a importância do ato de ler, as estratégias de leitura e o papel da escola na formação de leitores. Esperamos, ainda, com esta discussão teórica, contribuir para ampliar a reflexão sobre a relevância das práticas pedagógicas que visam a melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura na escola.

Consideramos, portanto, que precisamos com urgência que o professor busque alternativas práticas de incentivo a leitura nos primeiros anos do ensino fundamental, complementando no seu plano de ensino a prática de leitura, como estratégia metodológica de estímulo à leitura, objetivando a formação de leitores.

É pensando nessa formação de leitores que vemos a importância da prática de leitura como uma forma de desenvolver infinitas possibilidades de aprendizagem em sala de aula e fora dela. É preciso que o professor ajude a criança a descobrir na leitura sua face mais pessoal e prazerosa. Ao desenvolver tal prática de leitura em sala de aula, o professor estabelece uma relação dialógica com o aluno, trocando opiniões e criando situações através das quais as crianças vão construindo seu lado crítico.

Acreditamos que esta pesquisa possa possibilitar oportunidades de reflexão, para uma nova renovação da prática pedagógica, onde se implante atividades prazerosas e significativas, visando, além da melhoria da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, a humanização de todos e a promoção da cidadania plena do educando.

## 2. A LEITURA É FUNDAMENTAL NA VIDA HUMANA

Tentando melhorar de vida em sociedade, o homem desde o início da civilização busca habilidades que melhore e torne mais feliz sua convivência com os demais. Assim houve o aperfeiçoamento do seu conhecimento com a descoberta de meios que o levasse a se tornar sábio, respeitado e admirado pelos demais companheiros da tribo. Por este motivo, surgem as inscrições rupestres, simbologia, e logo em seguida num estágio mais avançado das civilizações, os desenhos que serviam de escrita (hieróglifos) e as esculturas que mostravam sua própria conquista: a conquista do ser.

Nesse contexto, surge a escrita e a leitura como iminentes à própria história da civilização. A criação dessa disponibilidade, que chamamos escrita e leitura, criam outras disponibilidades, pois ela é a básica, dela provém as demais. Através da leitura e da escrita o homem conseguiu estreitar os laços de afetividade com seus semelhantes, harmonizar os interesses, resolver os seus conflitos e se organizar num estágio atual da civilização, com a abstração a que nominamos “Estado”. O homem se organizou politicamente.

Mas voltando-nos ao campo do conhecimento humano, que é o que por ora nos interessa, o mito poético que sempre embalou o homem, a fantasia dos deuses, descortinaram as portas do saber, originando a busca da informação, do saber humano, do seu prazer.

Com o desenvolvimento da linguagem, a força das mensagens humanas aperfeiçoou-se a tal ponto ser imprescindível à sua própria existência. A busca do conhecimento tornou-se imperativa para novas conquistas e para o estabelecimento do homem como ser social, como centro de convergência de todos os outros interesses.

Na busca desse conhecimento, que se perpetua ao longo da história da civilização, percebe-se que quanto mais cedo o homem iniciar, mais cedo germinará bons resultados. Ou seja, a infância como uma fase especial de evolução e formação do ser, deve despertar-lhe para este mundo, o mundo da simbologia, o mundo da leitura.

No dizer de Carvalho (1959):

O conto infantil é uma chave mágica que abre as portas da inteligência e da sensibilidade da criança, para sua formação integral. O que fez Andersen o grande escritor universal e imortal foram as estórias ouvidas quando criança.

Deste modo, a imaginação humana é um comando para a construção do conhecimento, e conhecimento também é arte, daí a importância da Educação Infantil para enriquecer essa imaginação da criança, oferecendo-lhe condições de liberação saudável, ensinando-lhe a libertar-se no plano metafísico, pelo espírito, levando-a a usar o raciocínio e a cultivar a liberdade e o hábito da leitura.

Neste percurso da construção do conhecimento humano, não é de se olvidar a relatividade da dos livros didáticos, muitas vezes o único acesso disponível para a maioria do público infantil, sobre o que passaremos a discorrer nas próximas linhas.

O ato de ler pode ser desenvolvido desde a infância, alimentado durante a adolescência e mantido pelo resto da vida. No entanto, gostaríamos de perguntar em que consiste esse trabalho concretamente no âmbito da leitura? Ainda que a generalização obrigue a deixar de lado as características responsáveis pela riqueza em cada sala de aula e de cada situação de ensino/aprendizagem em particular, poderia ser útil em recordar aqui a sequência de instrução que, em distintos contextos, abordaram o ensino da leitura nas salas de aula. (Solé, 1998).

A prática da leitura se faz presente em nossas vidas desde o momento em que começamos a "compreender" o mundo à nossa volta. No constante desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que nos cercam, de perceber o mundo sob diversas perspectivas, de relacionar a realidade ficcional com a que vivemos, no contato com um livro, enfim, em todos estes casos estamos de certa forma, lendo, embora, muitas vezes, não nos demos conta.

O desenvolvimento da leitura não corresponde a uma simples decodificação de símbolos, mas significa, de fato, interpretar e compreender o que se lê. Segundo Kleiman (2005), a leitura precisa permitir que o leitor apreenda o sentido do texto, não podendo transformar-se em mera decifração de signos linguísticos sem a compreensão semântica dos mesmos.

Nesse processamento do texto, tornam-se imprescindíveis também alguns conhecimentos prévios do leitor: os linguísticos, que correspondem ao vocabulário e

regras da língua e seu uso; os textuais, que englobam o conjunto de noções e conceitos sobre o texto; e os de mundo, que correspondem ao acervo pessoal do leitor. Numa leitura satisfatória, ou seja, na qual a compreensão do que se lê é alcançada, esses diversos tipos de conhecimento estão em interação. Logo, percebemos que a leitura é um processo interativo.

Portanto, quando citamos a necessidade do conhecimento prévio de mundo para a compreensão da leitura, podemos inferir o caráter subjetivo que essa atividade assume. Conforme afirma Boff (1997),

[...] cada um lê com os olhos que tem, e interpreta onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto. Para entender o que alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isto faz da leitura sempre uma releitura. Sendo assim, fica evidente que cada leitor é co-autor.

A partir daí, podemos começar a refletir sobre o relacionamento leitor-texto. Já dissemos que ler é, acima de tudo, compreender. Para que isso aconteça, além dos já referidos processamento cognitivo da leitura e conhecimentos prévios necessários a ela, é preciso que o leitor esteja comprometido com sua leitura. Ele precisa manter um posicionamento crítico sobre o que lê, não apenas passivo. Quando atende a essa necessidade, o leitor se projeta no texto, levando para dentro dele toda sua vivência pessoal, com suas emoções, expectativas, seus preconceitos etc. É por isso que consegue ser tocado pela leitura.

Assim, o leitor mergulha no texto e se confunde com ele, em busca de seu sentido. Isso é o que afirma Barthes (2002), quando compara o leitor a uma aranha:

[...] o texto se faz, se trabalha através de um entrelaçamento perpétuo; perdido neste tecido - nessa textura -, o sujeito se desfaz nele, qual uma aranha que se dissolve ela mesma nas secreções construtivas de sua teia.

Dessa forma, o único limite para a amplidão da leitura é a imaginação do leitor; é ele mesmo quem constrói as imagens acerca do que está lendo. Por isso ela se revela como uma atividade extremamente frutífera e prazerosa. Por meio dela,

além de adquirirmos mais conhecimentos e cultura, o que nos fornece maior capacidade de diálogo e nos prepara melhor para atingir às necessidades de um mercado de trabalho exigente, experimentamos novas experiências, ao conhecermos mais do mundo em que vivemos e também sobre nós mesmos, já que ela nos leva à reflexão.

E refletir, sabemos, é o que permite ao homem abrir as portas de sua percepção. Quando movido por curiosidade, pelo desejo de crescer, o homem se renova constantemente, tornando-se cada dia mais apto a estar no mundo, capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê, do sistema em que está inserido. Assim, tem ampliada sua visão de mundo e seu horizonte de expectativas.

Assim sendo, a leitura se configura como um poderoso e essencial instrumento libertário para a sobrevivência do homem.

Existe uma condição para que a leitura seja de fato prazerosa e válida: o desejo do leitor. Como afirma Pennac (1998), "o verbo ler não suporta o imperativo". Quando transformada em obrigação, a leitura se resume a simples enfado. Para suscitar esse desejo e garantir o prazer da leitura, Pennac ainda prescreve alguns direitos do leitor, como o de escolher o que quer ler, o de reler, o de ler em qualquer lugar, ou, até mesmo, o de não ler. Respeitados esses direitos, o leitor, da mesma forma, passa a respeitar e valorizar a leitura. Está criado, então, um vínculo indissociável. A leitura passa a ser um imã que atrai e prende o leitor, numa relação de amor da qual ele, por sua vez, não deseja.

Por isso, a leitura deve ser compreendida e valorizada com um gesto e gosto individual, onde o leitor possa antecipar mundos que ainda não existem. Entretanto, incentivar a leitura e o gosto pela mesma é papel do professor em parceria com os pais. O professor tem que ter a consciência de que não será apenas pelo livro didático que ele terá sucesso nessa proposta de ensino, mas sim por vários gêneros textuais trabalhados em sala de aula. Os pais devem reforçar o incentivo da leitura em casa, pois é uma prática que beneficia o aprendizado.

Compreendemos que o processo da leitura não ocorre de uma hora para outra, mas sim com muita prática. Como nos diz Martins (2007, p. 84) "o treinamento para a leitura efetiva implica aprendermos e desenvolvermos determinadas técnicas". Mas somente isto não basta, pois cada leitor possui sua maneira ou hábito de ler. Logicamente que tais técnicas ajudarão o leitor a descobrir o seu próprio jeito para o gosto da leitura, não há como forçar ou acelerar o ritmo de ninguém.



Percebemos que a prática da leitura pode ocorrer de muitas maneiras, mas é o próprio leitor que dita o seu interesse, as suas motivações, as suas vontades que o levarão ao hábito da leitura, pois para ler o leitor leva em consideração a influência que recebe do ambiente ao seu redor, ou seja, desde a sua posição para ler aos instrumentos como o lápis, dicionário, livros que o auxiliaram nessa leitura. Assim ressaltamos Martins (2007, p.85) “cada um precisa buscar o seu jeito de ler e aprimorá-lo para a leitura se tornar cada vez mais gratificante”.

Mediante isso se verifica um aspecto de suma importância para a prática da leitura: a realidade do aluno, ou seja, o professor deve envolver as práticas cotidianas do educando no exercício da prática da leitura. Diante disso, a escola busca conhecer e desenvolver na criança as competências da leitura e da escrita e como isto poderá influenciar de maneira positiva neste processo. Assim, a criança perceberá que a leitura é um instrumento motivador e desafiador, ela é capaz de transformar o indivíduo em um sujeito ativo, responsável pela sua aprendizagem, que sabe compreender o contexto em que vive e modificá-lo de acordo com a sua necessidade.

Sabemos que nem sempre a criança gosta de ler; porém, é necessário que os envolvidos em sua educação estejam atentos para fazer com que a leitura se torne algo prazeroso em sua vida, demonstrando para ela que ler se tornou fundamental no mundo em que vivemos. Nas trilhas do mesmo entendimento, Souza (1992) afirma:

Leitura é, basicamente, o ato de perceber e atribuir significados através de uma conjunção de fatores pessoais com o momento e o lugar, com as circunstâncias. Ler é interpretar uma percepção sob as influências de um determinado contexto. Esse processo leva o indivíduo a uma compreensão particular da realidade.

A literatura nos diz que os benefícios da leitura são notáveis no comportamento e no expressionismo dos indivíduos, apesar de que muitos ainda se encontram alienados pela aparência de uma boa vida repleta de entretenimentos e mesmo aos que não os tem, pela descrença em um futuro melhor. A leitura é importante em todas as idades e em todo momento da vida. Ela estimula a formação de cidadãos críticos que exige a inserção na sociedade.

Então podemos nos perguntar: como se faz para que um indivíduo se torne um bom leitor? Sabemos que não há receitas prontas para isso, mas sim que as pessoas envolvidas no processo educacional possam utilizar todas as estratégias possíveis para seduzir ou ganhar novos leitores. Penso que é imprescindível saber usar dos artifícios necessários no qual se possa oferecer ao outro o que o outro deseja, mesmo que este não tenha consciência do seu próprio desejo, de sua necessidade em adquirir novos conhecimentos.

Assim o maior desafio se encontra na necessidade da busca e criação de mecanismos que propiciem a atração pela leitura na mais tenra idade, na fase da infância, em que a criança está descobrindo seu mundo, está despertando para a realidade e tentando participar desta realidade com suas novas fantasias e descobertas.

## **2.1 A leitura como prática social**

Nas últimas décadas, tomando como referência a partir de 1980, estudiosos de vários campos como a Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística, Análise do Discurso, entre outros, têm se detido em estudos sobre a leitura, apontando para o embate de concepções sobre o que é ler e sobre suas implicações para o ensino da leitura e atribuição de significados em relação às formas de aprendizagem do leitor em uma sociedade de cultura letrada, bombardeada pelos mais diversos tipos de informações.

Do ponto de vista do ensino/aprendizagem, até então, a concepção de leitura se baseava nas abordagens tradicionais também chamadas de estruturalistas, as quais viam o ato de escrever como uma transcrição de fonemas; e o ato de ler como um processo instantâneo de decodificação dos fonemas, dos símbolos gráficos. O leitor se apresenta como um receptor de informações, limitado ao uso das regras gramaticais e ao uso do vocabulário.

Ao texto era dado um sentido, pronto e acabado, cabendo ao leitor apenas recuperá-lo de maneira linear e cumulativa, palavra por palavra. O autor era dono do sentido de seu próprio texto, o leitor apenas assimilava as ideias e as difundia e o professor fazia com que os alunos atingissem de “maneira correta” o sentido.

Os modelos estruturalistas de leitura são processos ascendentes, lineares, sintéticos e indutivos. Ancoram os métodos de alfabetização que se preocupam com letras, sons, sílabas para se chegar às palavras; estão nas propostas de leitura de textos, nas quais os questionamentos de interpretação exigem respostas óbvias, retiradas no texto numa sequência linear, e estão presentes também na postura de professores que pedem a leitura oral do aluno com o objetivo de observar apenas a pronúncia das palavras, desenvolvendo unicamente o processo serial do ato de ler, descartando a construção do significado do que está sendo lido.

Porém, uma maior necessidade de acesso às informações através do texto vem proporcionar questionamentos da concepção de aprendizagem da leitura, amparada no modelo de codificação e decodificação, apontando para a necessidade de se formar leitores mais críticos. E os mecanismos adotados na escola para o ensino da leitura já se revelam insuficientes diante da multiplicidade de situações que surgiam com a exigência do uso da leitura social.

Diante desse contexto, conforme Barbosa (1994), no intuito de responder aos questionamentos que se evidenciavam, a psicolinguística aponta alternativas, estabelecendo novos parâmetros para um modelo de leitura que desloca o problema da análise da língua que se lê para uma análise do ato de ler. Dessa forma, a língua enquanto objeto de descrição e análise passa a ceder espaço para as investigações de interação entre o leitor e o texto. Assim, para responder o que é leitura, a Psicolinguística.

Vai focalizar o comportamento do leitor no ato de ler (o que faz o leitor quando lê), centrando suas contribuições na descrição e análise da natureza desse comportamento; na análise dos dispositivos e estratégias colocadas em ação pelo leitor para atribuir significado ao texto escrito; na descrição do funcionamento da língua escrita, enquanto objeto de uso (para ler) (BARBOSA, 1994, p. 89).

Essa concepção psicolinguística vem tratar a leitura como um processo não linear, mas dinâmico na interrelação leitor-texto, levando o leitor, de acordo com seus conhecimentos linguísticos, conceitual e experiências a formular suas hipóteses de leitura em interação com o texto, fazendo suas previsões de acordo com as informações que estão sendo oferecidas no texto.

Kato (1985) defende essa visão interacionista por compreender que a leitura se processa na interação texto-leitor e num conceito mais novo, auto-texto-leitor. Entende a leitura como um lugar em que o leitor pode relacionar-se com o texto de forma dialética, buscando, assim, recuperar os seus sentidos, visto ser ele, leitor ativo, o ponto de partida para esta tarefa de ler, reproduzindo o texto do outro e criando o seu próprio, sua experiência artística e real.

A autora chama atenção para a prática de grande número de escolas que desenvolve uma excessiva preocupação em trabalhar a escrita e a pouca atenção dada para o desenvolvimento da leitura, achando que, se ensinar o aluno a escrever, ele aprenderá automaticamente a ler.

Na década de 1960, Paulo Freire inaugura uma concepção libertadora de aprendizagem, marcada pela consciência e pela possibilidade de transformar o mundo. Nesta concepção, alfabetizar é garantir o direito de voz e ampliar os recursos de reflexão, razões pelas quais o ensino da escrita não se encerra no desenho da palavra, mas no seu significado.

[...] a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. [...] De alguma maneira, porém podemos ir mais longe e dizer que a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de “escrevê-lo” ou de “reescrevê-lo”, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente. (FREIRE, 1983, p. 22)

O que significa tal postura na prática pedagógica? Significa superar o ensino da escrita como código e promovê-lo à condição de diálogo, assumindo o seu caráter político. Para isso, Paulo Freire propunha, em vez de aulas, “Círculos de Cultura”, encontros centrados na compreensão da realidade e no processo de politização. Em um contexto interlocutivo, o ensino partia de palavras geradoras colhidos no mundo dos alfabetizandos (por exemplo, “tijolo” para alunos que trabalhavam na construção civil), e evoluía na forma de verdadeiros temas geradores em prol da reflexão e da conscientização. A descoberta da escrita e o avanço capaz de torná-la algo do próprio sujeito estavam atrelados ao processo de formação do espírito crítico.

[...] sempre vi a alfabetização de adultos como um ato político e um ato de conhecimento, por isso mesmo, como um ato criador. Para mim seria impossível engajar-me num trabalho de memorização mecânica dos BA-be-bi-bo-bu, dos la-le-li-lo-lu. Daí que também não pudesse reduzir a alfabetização ao ensaio puro da palavra, das sílabas ou das letras. (FREIRE 1983).

Essas palavras apontam para Freire uma pedagogia voltada para o mundo e porque não dizer para a prática social desse mundo (o letramento).

São nas práticas sociais que a linguagem ganha sentido, assume valores e é reconhecida, o que põe em evidência as estruturas de poder da sociedade. Assim, o letramento traz consigo uma natureza ideológica que merece ser considerada tanto na esfera social como nas práticas escolares.

E como diz o autor Batista (1991),

Uma concepção de leitura de interesse pedagógico deve considerar, portanto, não apenas suas dimensões psicológicas e linguísticas, apreendidas sob um ponto de vista abstrato e ideal, mas também a sua dimensão histórica e social, que permite, por um lado, compreender as práticas efetivas e concretas do ato de ler e, por outro lado, situar, nessas práticas efetivas e concretas do ato de leitura, que é universalizado e apresentado, pelas investigações psicológicas e linguísticas, como a leitura.

Assim ler um texto significa ler o próprio contexto em que se insere o leitor, ou seja, seu significado relaciona-se com sua própria história ou conhecimento de mundo. Nessa perspectiva, insere-se o pensamento de Freire (1997) para quem a leitura da palavra proporciona condições para ler o mundo, construir sentidos. Aprendemos a ler a realidade que nos cerca em nosso cotidiano social desde que nascemos. Nossa cultura nos transfere conhecimentos sobre a realidade e formas de representá-la. Aprender a ler o mundo é apropriar-se desses valores de nossa cultura.

Os autores, Pérez e Garcia (2001), tratam da leitura como ferramenta para compreender o mundo, concebendo que ler é interpretar e compreender ativa e criticamente uma mensagem por meio de um processo dialógico, indo ao encontro

das experiências, das ideias prévias e do conhecimento do leitor, assim como das informações proporcionadas pelo texto e pelo contexto em que esse processo é realizado. Nesse confronto, o leitor efetiva múltiplas transações entre seus conhecimentos e as informações oferecidas pelo texto e pelo contexto cultural da leitura. Nesse sentido, acrescentam os autores:

A leitura como instrumento útil de interpretação cultural favorece a apropriação da experiência e do conhecimento humano em um processo diálogo, mediante o qual o leitor tem acesso de forma dialética a outras informações, pontos de vista, representações, versões, visões, concepções do mundo (...). Mas a leitura não é apenas uma ferramenta que permite ter acesso às diferentes maneiras de interpretar a realidade que o ser humano foi elaborando ao longo da história, mas, fundamentalmente, é um instrumento útil para aprender de modo significativo, assim como para aproximar os alunos (e todos os seres humanos) da cultura – ou múltiplas culturas –, para aumentar a própria cultura e, sobretudo, para desenvolver um tipo particular de raciocínio reflexivo. (Peréz e Garcia, 2001 p. 49).

Porém, essa leitura reflexiva só será adquirida por meio de leituras significativas que atendam às necessidades reais do leitor e se contextualize nas práticas sociais, ampliando-se, desta forma, as possibilidades de comunicação, de acesso ao conhecimento e de descoberta do prazer de ler. E a escola é a instituição responsável em manter em seu currículo mecanismos para que se façam o uso das funções sociais da leitura.

Na concepção das teorias sociopolíticas, a leitura é vista como instrumento de conquista de poder, especialmente, numa sociedade capitalista, dividida em classes tão antagônicas quanto à brasileira. Da mesma forma que a leitura implica em dominação, pode também ser um ato libertador, para que isto aconteça é necessário que a escola trabalhe a leitura de forma que desenvolva a consciência dos leitores para se tornar uma atividade provocadora, crítica, tomando consciência dos fatos que interferem na sua existência como ser social e político.

Nesse sentido, enquanto sujeito, ou seja, ao mesmo tempo receptor/interlocutor do texto, o leitor seria levado a tomar partido, agir criticamente diante do texto e esse movimento estaria dialeticamente relacionado com a forma de o indivíduo se situar no mundo. Por isso Paulo Freire (1987, p. 22) enfatiza que: (...)

a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de 'escrevê-lo' ou de 'reescrevê-lo', quer dizer, transformá-lo através de nossa prática consciente.

A leitura ou a prática da leitura nesse sentido apresentado pelo autor seria a base de seu projeto pedagógico. Trata-se de um projeto que pressupõe um objetivo específico: a emancipação do leitor através da conscientização do sistema onde se insere (no caso específico, o sistema penitenciário). Nesse sentido, o educador deve sempre assumir sua opção política e fazê-lo não só em termos de discurso, mas como prática, para que os educandos/ presos possam conscientemente, posicionar-se.

Toda a concepção de educação e, conseqüentemente, de leitura do autor baseiam-se nessa premissa que é, prioritariamente, uma premissa política, que tem forte compromisso ético com a justiça social e a liberdade. Portanto, a prática da leitura, amparada em sua natureza eminentemente política, realiza uma função de libertar o homem de sua alienação e, a partir desse processo, promover a mudança social, num movimento que relaciona leitura e ideologia.

Quando se fala em leitura são vários os questionamentos que fazemos. Por isso, devemos estar conscientes que estes manifestos são de grande importância na vida dos alunos iniciantes á leitura, é preciso que haja consciência em que visa a leitura, prazer estético ou prazer lúdico.

A leitura representa muito de quem dela se apropria. Portanto, cabe ao professor das séries iniciais despertarem nos alunos o prazer da leitura. Assim sendo os alunos terão oportunidades de conhecimento, compreensão e progresso em meio a sociedade, onde tais conhecimentos serão ampliados, formando-os cidadãos críticos e conscientes de seus objetivos.

Aprender a ler não é só uma das maiores experiências de nossas vidas, mas uma vivência única para todo ser humano. Ao dominar a leitura se abre a possibilidade de adquirir conhecimentos, desenvolver raciocínio, participar ativamente da vida social, ter maior visão do mundo, do outro e de si mesmo. Para Freire (1997):

O processo de aprendizagem está envolvido na prática de ler, de interpretar o que leem, de escrever, de contar, de argumentar os

conhecimentos que já têm e de conhecer o que ainda não conhecem, para melhor interpretar o que acontece na nossa realidade.

É através da leitura que conseguimos despertar para o pensar, imaginar, criar, investigar e recriar ideias. Este hábito deve ser mantido e cultivado desde os primeiros anos de nossas vidas.

A leitura está inserida no nosso dia-a-dia, onde frequentemente interagimos com a leitura nos diversos gêneros: avisos, rótulos, propagandas e em outras situações do cotidiano.

Nesse sentido, convém que recorramos às palavras de Isabel Solé (1998) ao afirmar que “podemos considerar que a leitura é um dos meios mais importantes na escola para a consecução de novas aprendizagens”.

Como vemos, a leitura é fundamental, pois é o caminho que leva o indivíduo a se tornar crítico e capaz de ler com diferentes objetivos e que com o tempo ele mesmo possa colocar objetivos de leitura que lhes interessem e que sejam adequados. Desta forma, acreditamos que, dando oportunidades aos alunos no desenvolvimento da prática de leitura, oportunizará reflexões, renovações e implantações de momentos prazerosos e significativos por parte dos educadores, uma vez que consideramos a atuação deles importante para a formação leitora dos educandos, pois a instauração de uma nova mentalidade frente à leitura depende muito da ação do educador.

### **3. AS ESTRATÉGIAS DE LEITURA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Vivendo numa sociedade letrada, mesmo os jovens e adultos que nunca foram à escola têm conhecimento sobre a escrita e desenvolvem algumas estratégias para poder identificar preços de mercadorias que atendam as suas necessidades, de acordo com seu poder aquisitivo, lidar com receitas médicas, reconhecer as placas escritas, ônibus que devem apanhar.



Neste contexto o leitor deve criar situações que ao leve a extrapolar esses seus conhecimentos empíricos, pois a leitura é uma faculdade que se caracteriza pela utilização do conhecimento prévio, isto é, o leitor ativa em sua leitura o conhecimento adquirido ao longo de sua vida. De acordo com Kleimam (1998), esse conhecimento prévio é relativo a três formas de conhecimento: *conhecimento linguístico; conhecimento textual e conhecimento enciclopédico*.

Kleimam (1998) pressupõe ainda que existam duas atividades relevantes na tarefa da compreensão como esforço para recriar o sentido do texto, ou esforço inconsciente na busca de coerência do texto: o estabelecimento de objetivos para a leitura e a formulação de hipótese.

Ao ser formulado um objetivo para leitura, há uma melhor interação com o texto, já que as atividades solicitadas para a compreensão são ativadas a partir de um propósito específico. Além de auxiliar nessa ativação de estratégias específicas, o estabelecimento de objetivos também é fundamental para que o leitor possa formular hipóteses mais pertinentes sobre o que lê.

De acordo com Solé (1998), geralmente, a leitura em sala de aula segue um ritual sequenciado, algumas vezes o professor primeiro faz a leitura para os alunos, depois pede que cada aluno em voz alta leia um fragmento, enquanto outros acompanham em seu próprio livro ou texto. Caso o leitor cometa algum erro, o professor corrige imediatamente ou pede para que algum aluno o faça. Após a leitura os alunos respondem diversas perguntas relacionadas ao conteúdo do texto, formuladas pelo professor. Em seguida, se preenche uma ficha de trabalho mais ou menos relacionado ao texto lido e que pode abranger aspectos de sintaxe, morfológica, ortografia, vocabulário e eventualmente, a compreensão da leitura.

O ensino de estratégias de leitura, como Solé (1998) o entende, deve-se basear em três ideias básicas:

- 1) A ideia da situação educativa como um processo compartilhado, em que os papéis de professor e aluno revezam-se entre a *figura e o fundo do todo* que é a situação educativa. Neste tipo de concepção, nem o professor nem o aluno se apresentam como o *centro* do processo, mas como elementos indispensáveis do cenário educativo.
- 2) A ideia de que o professor deve exercer uma função de guia ou orientador. Ele deve favorecer o estabelecimento do elo entre a construção individual pretendida pelo aluno e as construções socialmente

estabelecidas, as quais são representadas pelos conteúdos escolares e objetivos específicos.

3) A ideia de que os desafios do ensino devem estar um pouco além do que a criança é capaz de resolver sozinha. Ou seja, o ensino não deve esperar como se acreditou e se acredita (a partir de uma má interpretação da Teoria Piagetiana), a *prontidão* do aluno para aprender.

Neste sentido, Solé (1998, p. 76) afirma que o “*bom ensino não é apenas o que se situa um pouco acima do nível atual do aluno, mas o que garante a interiorização do que foi ensinado e seu uso autônomo por parte daquele.*” Diante disto, a referida autora defende que o *suporte* dado ao aluno-leitor deve ser retirado progressivamente, até que ele alcance mais autonomia e possa controlar sua própria aprendizagem.

É sob esta ótica que o professor deve atuar, contribuindo para a ação educacional significativa, possibilitando a formação de sujeitos que construam coletivamente práticas e mudanças positivas, que objetivem melhorias em todos os aspectos.

Cabe ao professor renovar-se cada vez mais no exercício de seu ofício, buscando ter ampla visão, sabendo que contribuindo para a transformação dos indivíduos, está se transformando. Tais atitudes darão suporte para que o professor tenha o êxito esperado no processo educacional, ainda que difícil seja essa tarefa.

Diante do atual contexto em que a educação se encontra e dos desafios a serem enfrentados, a escola necessita desenvolver uma prática planejada que promova, além do desenvolvimento, a socialização dos indivíduos. Nesse sentido, o trabalho do professor deve, então, ser intelectual e político, considerando suas especificidades e potencialidades e não apenas estar voltado para a transmissão de conhecimentos.

Dessa maneira haverá contribuição para a formação de cidadãos capazes de intervir e de responder aos desafios postos pela realidade que se apresenta. Portanto, necessário se faz confirmar um novo modelo de profissional, o qual diferencie do perfil tradicional, de maneira que o mesmo possa desenvolver-se à medida que estuda e reflete sobre a prática, construindo conhecimentos tanto pela observação quanto pelas situações didáticas que vivencia.

#### **4. O PAPEL DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES**

Quando se fala em leitura e melhora no desenvolvimento das crianças, muito se afirma que é obrigação da escola o desenvolvimento desse hábito. Nessa perspectiva, Cagliari (1997) afirma que a leitura é uma atividade fundamental que deve ser desenvolvida pelas escolas desde as séries iniciais. Mas essa prática não tem início somente quando a criança chega à escola, pois desde criança o sujeito vai fazendo a sua leitura de mundo com suas descobertas e experiências.

De acordo com Solé (1998, p.32), esse é um dos desafios a ser enfrentado pela escola, que é o de fazer com que o aluno aprenda a ler corretamente. Isto é lógico, pois a aquisição da leitura é indispensável para agir com autonomia nas sociedades letradas, e ela provoca uma desvantagem profunda em que não consegue realizar essa aprendizagem. Para isso, percebe-se que não basta o professor coordenar as aulas sem alguns requisitos necessários para o desenvolvimento destas. Assim, o professor tem um papel muito importante na formação de futuros leitores e cabe a ele fazer esforço para alcançá-lo.

Neste sentido, Libâneo (1994, p.16), ao falar na prática educativa, enfatiza que o “trabalho docente é a parte integrante do processo educativo mais global pelo qual os membros da sociedade são preparados para a participação na vida social”.

Portanto, necessário se faz confirmar um novo modelo de profissional, o qual diferencie do perfil tradicional de maneira que o mesmo possa desenvolver-se à medida que estuda e reflete sobre a prática, construindo conhecimentos tanto pela observação, quanto pelas situações didáticas que vivencia.

Nessa perspectiva, Costa (1996, p.13) argumenta que: “sempre que se produz um novo conhecimento também se inventa um novo e peculiar caminho. Quando olhamos para trás é que nos damos conta disso”.

Percebe-se, assim, a importância da prática do professor que, juntamente com toda a equipe da escola, deve se dedicar a produção e realização de projetos de leitura. Para Braga da Cruz (1985):

A escola precisa ser um espaço mais amplamente aberto a todos os aspectos culturais do povo, e ir além do ensinar a ler e a fazer as quatro operações. Precisa investir em bons livros considerando que a cultura de um povo se fortalece muito pelo prazer da leitura; e a escola representa a única oportunidade de ler que muitas crianças têm. É necessário proporcionar nas salas de aula e na biblioteca a dinamização da cultura viva, diversificada e criativa, que representa o conjunto de formas de pensar, agir e sentir do povo brasileiro.

Convém que recorramos às palavras de Denise Fernandes Tavares (1973):

O sorriso, a alegria dum criança que lê, que ouve histórias, que brinca, compensa a luta que possamos ter, para que aquele sorriso e aquela alegria existam. E compensa ainda a sua certeza íntima que estamos abrindo novos horizontes e possibilidades para centenas de crianças, através da leitura. Estaremos ensinando quanto vale o livro; dando-lhes o hábito da leitura; fazendo-as amar o livro estaremos assimilando responsabilidades e cumprindo o nosso dever com as gerações que formarão os homens de amanhã.

Nesse sentido, a construção do conhecimento, segundo alguns autores, se efetivará pelo hábito da leitura, uma vez realizada no contexto escolar. Afinal, através da leitura que os alunos encontrarão respostas aos seus questionamentos e dúvidas.

Por outro lado, faz-se necessário que os educadores atuem garantido um trabalho pedagógico produtivo, o qual objetive a formação humana que capacite os sujeitos a refletirem com criticidade e agirem com autonomia diante a sociedade.

Defender a escola como lugar de excelência do processo formativo e emancipatório das crianças e, especificamente, das crianças pertencentes às camadas populares é fundamental para a luta política mais ampla. Portanto, não devemos perder de vista, enquanto professores, que apesar de a escola pública encontrar-se degradada e, em muitos sentidos, sucateada, ela ainda se constitui num local de crescimento para aqueles que não têm as condições materiais básicas de vida e, portanto, alienados das grandes questões sociais, econômicas, políticas e culturais.

Ao fazer uma análise histórica sobre o surgimento da escola, Saviani (2008) vincula tal surgimento com o interesse burguês de superar o antigo regime feudal que aliava os anseios políticos e econômicos da nobreza e da Igreja Católica para

manter na ignorância grande parte da população pobre da Europa medieval. Assim baseado nas conquistas políticas da Revolução Francesa, a burguesia propõe a universalização do ensino para retirar os indivíduos da condição inferior de súditos e transformá-los em cidadãos esclarecidos. Afirma Saviani (2008):

Para superar a situação de opressão, própria do "Antigo Regime", e ascender a um tipo de sociedade fundada no contrato social celebrado "livremente" entre os indivíduos, era necessário vencer a barreira da ignorância. Só assim seria possível transformar os súditos em cidadãos, isto é, em indivíduos livres porque esclarecidos, ilustrados.

Diante disso, surge, a escola "redimindo os homens de seu duplo pecado histórico a ignorância, miséria moral, e a opressão, miséria política". (Zanotti, apud, Saviani, 2008: 6). A escola, então, seria a cura para essa enfermidade: "A escola surge como um antídoto à ignorância, logo, um instrumento para equacionar o problema da marginalidade.". (Saviani, 2008: 6).

A escola, portanto, se constitui nas condições materiais estabelecidos pela cultura moderna como um daqueles instrumentos que possibilitam a apreensão e o exercício mais consciente das decisões e ações do indivíduo na sociedade. Assim, os processos de promoção da aquisição sistemática daqueles conhecimentos necessários ao homem se dão no ambiente escolar. A escola tem, dessa forma, a função de transmitir às novas gerações tais conhecimentos. Ela deve organizar-se de modo a garantir, desde muito cedo, para todos, o acesso processual a eles. Ao analisar a especificidade da função escolar, Klein (2000) afirma:

Cabe à escola, enquanto instância organizada pela sociedade como especificamente destinada à transmissão do conhecimento científico, responder à essa necessidade. E é fundamental que essa aquisição se realize na idade mais tenra, para que os cidadãos possam usufruir o mais cedo possível das possibilidades que lhes são oferecidas pelo domínio do conhecimento mais amplo.

A educação escolar, portanto, não pode de maneira nenhuma ser relegada a um segundo plano na vida formativa das crianças em idade escolar. Ela deve, pelo

contrário, ser considerada como elemento basilar para a compreensão crítica dos aspectos envolvidos e exigidos pela sociedade contemporânea. A prática educativa escolar deve ser concebida, nesse viés como uma atividade mediadora, ou seja, "como um momento mais ou menos longo da vida do indivíduo (seus anos de escolarização) pelo qual passa, a fim de adquirir as ferramentas culturais para sua atuação nomeio social em que vai atuar" (OLIVEIRA, 1987: 7).

A leitura, portanto, nesse contexto cumpre uma função política determinante para a prática pedagógica. Na medida em que ela se transforma em uma das estratégias prioritárias dos professores em sala de aula, contribuirá de maneira específica para a ampliação dos horizontes educacionais da própria escola. Os conteúdos assimilados por meio das estratégias de leitura têm a capacidade de dar aos educandos as condições teóricas de compreenderem as situações concretas vivenciadas por eles em sua prática social global. Mais do que mera 'passagem' ou 'ponte', o processo de escolarização, tendo a leitura como uma de suas estratégias mais contundentes, terá as condições materiais de influenciar a formação da consciência crítica em relação ao mundo do qual o educado faz parte. É nessa perspectiva que compreendemos Freire (1997) ao afirmar que:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto.

Como já salientado, as exigências educativas da sociedade contemporânea são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida das pessoas: ao trabalho, à participação social e política, à vida familiar e comunitária, às oportunidades de lazer e desenvolvimento cultural, dentre outros aspectos.

O mundo, atual passa por uma revolução tecnológica que está alterando profundamente as formas de trabalho e de interação entre as pessoas e as entidades, num contexto cada vez mais globalizado.

Em sua constante e ansiosa busca de auto superação, o homem moderno fecha o século XX em desarmonia com o tempo de reflexão e da crítica que, numa

nova concepção humanista, deveriam permear o momento contemporâneo em que vivemos.

Sob esse prisma, torna-se salutar discutir as diferentes formas de lidar com esses “novos tempos” e, dentro deste contexto, encontra-se inserido de maneira inarredável, a necessidade de se fazer emergir a discussão sobre a qualidade de ensino nas escolas, atentando para a ascensão no nível de educação de toda a população, em especial da Educação Infantil e Séries Iniciais em razão de sua importância na formação inicial do futuro cidadão, o qual, consciente de seus direitos e obrigações, participará de maneira efetiva do “pacto social”, ou seja, do momento político-social e cultural em que se encontrar, não será um “excluído”. Indiscutivelmente, esta é, senão a única, provavelmente uma das mais relevantes maneiras com que se possa atender às novas exigências educativas que o cotidiano impõe de maneira sistemática e crescente nas relações sociais: A discussão crítica e aberta da educação.

Partindo por essa linha de pensamento, a instituição escolar deve se constituir num espaço que produza conhecimento; todo e qualquer processo de construção deve estar engajado numa prática democrática, onde educador e educando sejam vistos como agentes e sujeitos simultâneos nas relações de ensino e aprendizagem, delineando papéis desprendidos da mitificação unilateral, ou seja, valorando a iniciativa à pesquisa, e a superação dos limites em prol de uma atuação positiva, acompanhando a evolução da sociedade em constante mutação.

Dessa forma, apenas para exemplificar, referindo-se especificamente as aulas de língua portuguesa, constata-se, na atual prática pedagógica, a legitimação das diferenças entre os grupos sociais, ocasionados, principalmente, pela dicotomia formada pela língua padrão que é utilizada na instituição escolar, e aquela normalmente utilizada pelos alunos de classes populares, historicamente estigmatizadas como sendo inadequadas.

Por este viés, o ensino tradicional de língua portuguesa pode ser caracterizado por seu feitio predominantemente normativo e conceitual, privilegiando-se um modelo ancorado na visão da língua como um código fechado e estático. Neste, o ápice do processo ensino aprendizagem resulta na memorização de regras e conceitos dissociados das práticas cotidianas da língua falada dos alunos, submetendo-os à rígida formalidade gramatical.

A transformação das condições de reprodução desse processo, que vem se perpetuando ao longo das gerações, passa necessariamente por uma revisão na concepção de linguagem que encaminha o ensino da língua portuguesa de forma holística, percebendo-a como uma forma de interação entre sujeitos, de maneira a concebê-los como produtores do discurso em contextos sócio-histórico determinados, sendo imprescindível tal postura na formação inicial do futuro leitor.

Nesse sentido, a leitura e a escrita são componentes dinâmicos, vinculados a um contexto social que não pode ser reduzido a um aprendizado técnico linguístico e entendido como um fato neutro e linear, que resulta apenas em palavras e frases desconexas e sem sentido aparente para o leitor.

Além disso, ler e produzir textos nas escolas deve estar associado a ação simbólica sobre o mundo, onde o aluno consiga constituir-se como um sujeito que pensa, sente e dialoga pois segundo LAJOLO, (1982):

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e dono da própria vontade, de entregar-se a essa leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Assim, ler é produzir sentido, é estar contextualizado no texto, interpretando-o e atribuindo-lhe algum significado. Portanto, torna-se importante a criação de situações para que o exercício da leitura e escrita produzam reações, interação, e construção de subjetividade e conhecimento, não servindo apenas como uma atividade meramente de cópia ou de decodificação dos sinais gráficos, alienando os alunos do contexto em estão inseridos.

Ligado a essa interação com o meio, as relações no processo de construção da linguagem devem seguir algumas técnicas que tornarão o ensino mais agradável e produtivo, dentre as quais citamos algumas como: trabalho com imagens, produção de textos, caminhada de leitura, atividades com rótulos, texto coletivo, notícias de jornal, jogo de rimas, música, etc.

Sob este prisma, leitura e escrita como processo discursivo e de produção de sentido, se percebe que devem englobar todas as disciplinas e todos os níveis de



ensino, onde através da apropriação do conhecimento historicamente constituído, o aluno esteja inserido nessa construção e produção do conhecimento como elemento nuclear.

Dessa forma, não convém obrigar o público infantil a reproduzir exercícios de fixação, mas sim, proporcionar práticas de leitura e escrita em contextos significativos que estabeleçam uma estreita familiarização com todo um suporte de materiais escritos disponíveis: livros, jornais, revistas, publicidades, dentre outros recursos, de maneira a facilitar e permitir que o aluno observe, explore, questione, analise, critique, com base nos vários meios da escrita e leitura existentes na realidade circundante.

É na leitura, escrita e reescrita de textos significativos, que ocorre a apreensão dos alunos das normas convencionais, sem que ocorra necessidade de memorização de uma infinidade de regras e exceções, próprias de nossa língua portuguesa.

Através de materiais e contextos significativos, o paradigma de que o aluno precisa escrever para que o professor corrija precisa ser transformado na instituição de uma escrita que sirva de mecanismo de prática e interação, interlocução e inferências, tendo como base suas vivências e expectativas, libertando-o de axiomas preconcebidos, enfim, fazendo com que o aluno “dê asas à sua imaginação” sem os exageros dos pruridos da lógica formal de nossa língua.

Com essa concepção, a leitura, por exemplo, não pode estar associada somente ao livro de literatura, e muito menos ao livro didático, que tradicionalmente transmite um conhecimento fragmentado, alienado e alheio à realidade dos alunos, mas também a textos cotidianos, como os conhecidos “*gibis*”, que estabelecem uma estreita ligação com o leitor através do repertório comum e de uma linguagem coloquial. Outros textos, como crônicas, músicas, poesias, charges, transformam-se numa leitura prazerosa e natural, além de levá-los a refletir sobre as intenções subjacentes de cada palavra.

Este aspecto, o de despertar a atenção e o interesse do aluno pela leitura, é a essência da questão. Nas palavras de Chartier (2000, p. 103-104):

(...) aqueles que são considerados não leitores leem, mas leem coisa diferente daquilo que o cânone escolar define como uma leitura

legítima. O problema não é tanto o de considerar como não leitura estas leituras selvagens que se ligam a objetos escritos de fraca legitimidade cultural, mas é o de tentar apoiar-se sobre estas práticas incontroladas e disseminadas para conduzir esses leitores, pela escola, mas também sem dúvida por múltiplas outras vias, e encontrar outras leituras. É preciso utilizar aquilo que a norma escolar rejeita como um suporte para dar acesso à leitura na sua plenitude, isto é, ao encontro de textos densos e mais capazes de transformar a visão do mundo, as maneiras de sentir e de pensar.

A concretização positiva na escola está no desafio dos professores em olhar para as produções dos alunos com uma visão não somente crítica e que busque os seus erros, ou ainda que atente apenas para a linearidade da escrita, mas sim almejando o significado das suas formas de construção, estimulando o aluno a empenhar-se na realização consciente e divertida de um trabalho linguístico que lhe faça muito mais sentido. Pois se ler é produzir sentido, tal só ocorrerá se houver interesse, do latim *“inter esse”*, que significa *“estar entre”*, ou seja, estar engajado, envolvido, empenhado.

Assim, com olhar ativo e crítico, através da multiplicidade de linguagem, será possível auxiliar o aluno na construção do conhecimento, que o faça entender-se não apenas como produto, mas, acima de tudo, como partícipe da construção da história da coletividade, e também como agente de transformação de uma realidade que não é estática, mas dinâmica e suscetível a constantes mudanças.

Na criação e formação de sua própria identidade, o público da educação infantil e séries iniciais precisa ser estimulado. Criando-se fantasias, despertando o seu potencial imaginativo, aflorando seu pensamento infantil e sua capacidade intuitiva para a realidade circundante. Neste diapasão, convém que recorramos às palavras de Tavares (1973):

O sorriso, a alegria duma criança que lê, que ouve estórias, que brinca, compensa a luta que possamos ter, para que aquele sorriso e aquela alegria existam. E compensa, ainda, a sua certeza íntima que estamos abrindo novos horizontes e possibilidades para centenas de crianças, através da leitura. Estaremos ensinando quanto vale o livro; dando-lhes o hábito da leitura, fazendo-as amar o livro estaremos assimilando responsabilidades e cumprindo o nosso dever com as gerações que formarão os homens de amanhã.

Nessa caminhada na construção do conhecimento humano, não é de se olvidar a relatividade da importância dos livros didáticos, muitas vezes o único acesso disponível para a maioria do público infantil.

A Escola, incumbida então da função de promover a formação do leitor, terá que rever as condições, muitas vezes restrita, a que impõe a leitura aos seus alunos.

Partindo então do pressuposto que o incentivo à leitura ainda consiste numa das maiores dificuldades para os professores e para as escolas, cabe salientar alguns fatores relevantes na tentativa de solucionar essas dificuldades:

1- Fator pessoal: representado pelos professores, pois sua postura frente ao livro é fundamental para a formação do hábito de ler na criança. O entusiasmo contagia, mas quem não sabe apreciar o livro pode desestimular o aluno, mesmo de forma inconsciente.

2- Ambiente físico: o espaço da leitura deve ser agradável, acolhedor e informal, seja na sala de aula, seja na biblioteca, o que importa é a criança sentir-se a vontade para ali permanecer para entregar-se à leitura com prazer e familiarizar-se com o livro.

3- Livro acesso aos livros: aos livros devem estar dispostos de forma a permitir à criança fácil manuseio. Às vezes a organização formal das prateleiras constitui barreira para o aluno, que se sente inibido e receoso de tocar nas obras.

4- Acervo da biblioteca: é importante a atualização da biblioteca, tendo em vista o atendimento dos interesses e a fase do desenvolvimento dos usuários.

Dessa forma reportando-nos exclusivamente a Educação Infantil e às séries iniciais, pode-se constatar que na maioria das escolas não existem critérios para o incentivo à leitura, e que os livros considerados didáticos, são muitas vezes o único material de leitura que os alunos dispõem para ler, resultando na absorção de um conhecimento parcial e limitado, o que pouco contribui para a formação de leitores que estão à procura de respostas às suas infinitas indagações. Tal fato faz com que as aulas de leitura culminem em apenas mais uma das atividades da rotina em sala de aula, permeadas unicamente por textos fragmentados e insignificantes.

Em contraposição a essas condições, faz-se necessário nas escolas o redimensionamento de todo o trabalho, partindo da seleção de materiais, garantia de espaço para discussões, mudança de postura de alguns profissionais e, principalmente, admissão de resultados convergentes em relação a confrontos existentes durante o processo da leitura.

Com as inovações propostas a prática da leitura se fará constante, buscando-se o auxílio pelo emprego de livros, jornais, revistas, quadrinhos, rótulos, listas, tabelas, placas, publicidade, etc., que forneçam subsídios aos professores nas tarefas de tornarem seus alunos, verdadeiros leitores.

Assim, ao professor cabe a tarefa de não ficar restrito ao espaço fechado da sala de aula, mas sim encarar o trabalho de leitura com seriedade, munindo-se de embasamento teórico sobre a ciência da leitura, o que lhe dará auxílio no direcionamento de sua prática, pois segundo Braga da Cruz (1985): “Só ensinamos bem o que conhecemos e acreditamos”.

O professor deverá ser capaz de escolher livros de acordo com os interesses do leitor, disponibilizar vários tipos de leitura, conhecer o interesse e o nível de desenvolvimento e contexto social da criança com a qual trabalha; citando Braga da Cruz (1985): “A falta de adequação entre a obra e o interesse do aluno, poderá acabar com a motivação do pequeno leitor”.

Por último, o professor poderá utilizar vários recursos metodológicos para despertar o prazer de ler em seus alunos:

A literatura é um grande desafio ao educador da atualidade. A escola se organizou muito centradamente no aspecto cognitivo e se esqueceu, quase que completamente, da arte (em suas diversas manifestações) do prazer, do lúdico, do agradável da literatura. Fato lamentável numa época de poluição, de famílias desestruturadas, de massacre do homem em função da máquina e do progresso. (BRAGA DA CRUZ, 1985, p.36)

No atual contexto social faz-se obrigação que os professores estejam comprometidos com a literatura, que também tenham ou adotem o salutar hábito da leitura, pois, no dizer de Jolibert (1994): “É lendo que nos tornamos leitores”. Então, que leiam por prazer e acompanhem o desenvolvimento dos seus alunos,

incentivem o pensamento reflexivo e crítico, capacitando-os a reconhecer os valores subjacentes nas relações sociais, culturais, políticas e econômicas da sociedade, descritas, muito provavelmente, nas entrelinhas da maioria dos bons livros.

Necessário também é a existência de consenso entre professores e alunos no sentido de que a literatura é objeto de lazer e compreensão do mundo que, respeitados os interesses e crenças do leitor, propicia prazer, emociona, alegra, engaja o ser por inteiro na leitura e se transforma em atividade lúdica e cognitiva. Portanto, não é de se pensar em literatura como instrumento de transmissão de normas linguísticas ou comportamentais. Ela poderá oferecer um vasto horizonte à criatividade e fantasia, levar o leitor ao âmago de suas emoções, mas não deverá ser usada como simples recurso para a aprendizagem de conteúdos educativos.

Tornar o livro um objeto “*amigo*” do aluno, oportunizando o contato com o belo, com o imaginário e com a arte da palavra, são condições que reforçarão o estabelecimento do hábito de ler por prazer e entretenimento. Alcançados tais objetivos, os demais propósitos referentes à relevância da leitura, virão como consequência.

## 5. CONCLUSÕES

Muito já se falou ou se escreveu sobre a importância da leitura na vida das pessoas, sobre suas causas e consequências, sobre a carência da leitura numa sociedade letrada e cada vez mais exigente, sobre a falta de preparo do professor para desenvolver essa prática em sala de aula, especialmente quando ele próprio não tem o hábito da leitura, mas pouco tem se feito para mudar esta realidade. Os cursos de formação inicial e continuada e a sua própria história de vida não instrumentalizam o professor para ser um motivador para a leitura.

Acreditamos que a aprendizagem de leitura não ocorre de maneira mecânica e memorizada. Aprender a ler é mais do que isso, é interpretar, é refletir. Pesquisas acerca do tema esclarecem que, para haver uma aprendizagem eficaz, não basta apenas o aluno conhecer o código linguístico e cumprir uma série de tarefas com letras e sílabas. O processo de leitura abrange uma compreensão maior. É a vivência de diversas situações do dia-a-dia que contribuirá para a aprendizagem.

Como vemos, não há como negar que a prática da leitura possa ocorrer de uma hora para outra, mas no decorrer de toda uma vida, dependendo, é claro, das condições que cada indivíduo dispõe nesse processo. A necessidade de se criar o gosto pela leitura trará imensos benefícios que tornarão o indivíduo agente ativo no processo de interação, socialização, criatividade, etc. É claro que isso deve se dá através da diversificação das atividades desenvolvidas no processo de ensino e aprendizagem.

É necessário salientar, ainda, que para se ler e compreender, o leitor precisa ter experiências prazerosas e significativas de leitura. Estudos revelam que isso só é possível quando o leitor iniciante tem contato com leituras próximas a sua realidade. Portanto, ler não deve ser algo que seja sofrível, mas sim algo prazeroso, instigante, emocionante e que auxilie o indivíduo no desenvolvimento de suas habilidades. Que ele tenha no contato com qualquer livro o conhecimento de alegria, magia e informação que o ajudarão na sua história de vida.

Nesta perspectiva, é fundamental que os profissionais envolvidos na educação procurem estar de acordo com as demandas da sociedade, atualizando assim, suas práticas e conhecimentos para que através dessa reciclagem de um

novo “saber-fazer” possa oferecer aos seus alunos uma visão ampla e crítica daquilo que os rodeia, ou seja, da realidade em que se encontram.

Percebe-se que nos últimos anos vários programas de incentivo a leitura tem sido implementados no Brasil. Iniciativas do Ministério da Educação formam um conjunto de programas colocados em prática em todo o país, visando a formação de professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental. Entretanto, indicadores como a Provinha Brasil e o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica), tem revelado que os resultados obtidos nas avaliações não correspondem aos altos investimentos em projetos de incentivo à leitura nas escolas .

Nas últimas décadas o Ministério da Educação disponibilizou um grande acervo para as escolas com obras diversificadas, visando o incentivo à leitura, e essas obras devem ser utilizadas, pois apresentam muito valor na formação de leitores.

Realizando a leitura prazerosa no cotidiano escolar, espera-se uma contribuição na formação do aluno em todos os aspectos, especialmente, na formação de leitores críticos, garantindo a reflexão sobre seus valores e os da sociedade a que pertence. As rodas de leitura podem ser um grande passo para discussões entre alunos e professores, fortalecendo seus vínculos.

O sentido da prática pedagógica dos educadores em sala de aula tem como elemento fundamental contribuir com o pensamento crítico dos educandos e estimular a importância da prática da leitura por parte dos educadores como forma de promover o processo de emancipação política dos educandos. Procuramos discutir no presente estudo a leitura como prática social na vida de crianças, sendo esta efetivada por meio de professores, que além de educadores, são essencialmente intelectuais comprometidos com a transformação política. Então, o ato de ler deve ser visto como uma proposta política fundamental para os educadores comprometidos com a transformação da sociedade, em virtude de ser também uma estratégia de luta vinculada à prática pedagógica deles próprios.

Por isto, fica claro que para situar a criança e a leitura na dimensão da busca de novos caminhos de aprendizagem, o educador deve servir de exemplo, e fazer da sua própria prática individual um modelo pedagógico para os seus alunos. Pela nossa própria experiência, compreendemos que esta é uma das tarefas mais difíceis de todo o processo, já que exige dos educadores uma prática que muitos não têm ou não podem ter em razão das críticas exigências impostas pela luta pela

sobrevivência. Fazer da leitura uma ação prática exige tempo e postura formativa, algo que muitas vezes não faz parte do caráter formativo na graduação dos futuros professores.

Consideramos, portanto, como elemento político e transformador a leitura em sala de aula dos professores com os alunos e dos alunos entre eles mesmos. Deixamos para futuros estudos a necessidade de aprofundar as ideias desta pesquisa, dando atenção mais estrita a um dos aspectos que julgamos de extrema necessidade para a continuidade do presente trabalho, que é o valor da interpretação textual para a emancipação política dos alunos.

O desafio do novo educador, daquele adequado ao mundo contemporâneo, está justamente em fazer frente às ideologias dominantes que insistem em práticas educativas tradicionais e descomprometidas com o objetivo máximo da educação, centro para onde deveriam convergir todos os interesses: o aluno.

Nesse sentido, comprometidos com o futuro de nossos filhos, de nossa história, e porque não dizer de nossa própria existência; incumbe-nos, através de um discurso pragmático e não meramente dogmático, persuadir o público que tem compromisso com a educação, na realidade da família ao professor, da Escola ao próprio Estado, a implementar ações voltadas para a formação do futuro cidadão, sendo o conhecimento do hábito da leitura o mais ideal dos instrumentos para essa conquista.



## 6. REFERÊNCIAS

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e Leitura**. 2ed. São Paulo, Cortez, 1994.

BATISTA, Antonio Augusto G. **Sobre a leitura**: notas para uma concepção de leitura de interesse pedagógico. In: Em aberto, Brasília, ano 10, n. 52, out./ dez. 1991.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. 3. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002.

BRAGA DA CRUZ, M ET AL. **O desenvolvimento do ensino superior em Portugal**: situação e problemas de acesso. Lisboa: Departamento de Programação e Gestão Financeira, Ministério da Educação, 1985.

BOFF, L. (1997). **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis, RJ: Vozes.

CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 1997.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. **Compêndio de literatura infantil**: para o 3º ano normal. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1959.

CHARTIER, Roger. **Práticas de leitura**. Trad. Cristiane Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

COSTA, M. V. **Novos olhares na pesquisa em educação**. In Caminhos Investigativos. Porto Alegre: Mediação, 1996.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 33 ed. São Paulo: Cortez, 1997.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler e três artigos que se complementam**. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1983.

JOLIBERT, J. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 219 p.

KATO, Mary. **O aprendizado da Leitura**. São Paulo, Martins Fontes. 1985.

KLEIMAN, Ângela B. **Ação e Mudança na sala de aula**: uma pesquisa sobre letramento e interação 1998 in: Alfabetização e Letramento (org.) Roxane Rojo, Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.

KLEIN, Lúgia Regina. **Proposta político-pedagógica para o ensino fundamental do Governo Popular do Mato Grosso do Sul**, v. 4. SED/MS: mato Grosso do Sul, 2000.

LAJOLO, Marisa e Liberman. Regina (Org). **O texto não é pretexto**. In: *Leitura e escola: As alternativas do professor*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LIBÂNEO, José Carlos de. **Didática**, Cortez, São Paulo, 1994.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

OLIVEIRA, Betty. **A prática social global como ponto de partida e de chegada da prática educativa**. Brasília: Em Aberto, 1987.

PENNAC, Daniel. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

PÉREZ, F. C. & GARCIA, J. R. *Ensinar ou aprender a ler e a escrever?* Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e democracia**, 40 ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de Leitura**. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SOUZA, Renata Junqueira de. **Narrativas Infantis: a literatura e a televisão de que as crianças gostam**. Bauru: USC, 1992.

TAVARES, Denise Fernandes. **A biblioteca escolar**. São Paulo. Lisa – MEC, 1973.